

ANDANDO NOS TELHADOS

Bernadete Zagonel

(Publicado no Jornal Gazeta do Povo, Paraná, em 01/05/91)

Certa vez, aqui em Paris, conheci um rapaz que adorava andar pelos telhados dos prédios. Aonde chegasse, em reunião em casa de amigos, por exemplo, e passado pouco tempo, lá estava ele a investigar como seria possível chegar até o telhado. Desaparecia, e só voltava depois de suas incursões nas alturas. Andava lá e com uma destreza e tranqüilidade, que só vendo. E lá de cima, admirava a cidade inteira, e todos os outros telhados. Parecia estar pertinho do céu, livre, ao vento, dono de tudo.

Um belo dia de verão, tanto ele insistiu, que conseguiu levar a mim e a outros amigos, compartilhar de sua paixão. Subimos até o sexto andar do edifício onde eu morava e colocamos a pequena escada de encontro ao alçapão que levaria a uma espécie de sótão. Subimos, passamos por entre as teias de aranha e a poeira, e ao abrir uma mansarda, vimos novamente a luz do dia. Com muito cuidado saímos e começamos a tatear com os pés esse novo espaço, estreito e perigoso. Lá embaixo, as pessoas se tornavam pequenas, e a distância entre nós e elas já se fazia abismo.

Ao olhar para os lados e para a frente, longe no horizonte, percebemos que ele tinha razão. Paris é uma cidade de belos telhados. Todos negros ou cinza de um tom escuro, a cor da ardósia que os forma, cortadas em lâminas que parecem línguas de gato. E sempre as pequenas chaminés vêm se mostrando, salientes, soltando sua fumaça no inverno, e descansando no verão. Os prédios todos da mesma altura formada pelos seus seis ou sete andares, criam um tapete de telhados, num terreno acidentado, cheio de saliências e de vazios. Tocam o céu acariciando-o, e deixam entrever a marca de seu perfil.

Andamos por tudo, circundamos o edifício, o medo da altura já diminuindo. Estávamos alegres, brincando de um lado para outro, a descobrir, a mostrar uns aos outros um detalhe aqui, uma nova paisagem lá.

Até que o morador de uma parte qualquer desse último andar veio nos perturbar. Insatisfeito com nossa andança e nossa alegria, lá veio, primeiro um homem, a nos esconjurar, gritando mais que nós, ordenando que saíssemos do telhado, que não era lugar para passeios. E em seguida sua mulher, com uma máquina fotográfica nas mãos, a documentar o que, para eles, parecia ter significado de heresia. Nunca tinham eles subido num telhado, percebemos. E não sabiam que interessante aventura representava olhar o mundo de cima, de cima de um telhado.

Tanto fizeram que fomos obrigados a descer do paraíso, e colocar novamente os pés no chão.

Eu, nunca mais subi em telhado algum, nem lá, nem em outro lugar qualquer. Guardo apenas a lembrança do que vi e das sensações que tive nesse dia. Mas quanto àquele amigo francês, sei que até hoje deve perambular pelos telhados de Paris, de dia ou de noite, dando asas aos seus sonhos, e à sua liberdade.